

“... QUANDO EU FALO QUE GOSTO DE ESCREVER, É ESCREVER MESMO, FAZER CÓPIA...”: O QUE ESTÁ EM JOGO NO QUE DIZ RESPEITO AO ATO DE ESCREVER?

Lídia Maria Ferreira de OLIVEIRA¹

RESUMO

Este trabalho aborda questões que surgem da seguinte pergunta: *que relação pode haver entre as concepções do que seja escrever, a escola e a produção de conhecimento?* Partindo dos princípios de que: i) A linguagem é uma atividade de constituição do sujeito e do mundo (FRANCHI, 1977); ii) escrever é uma importante atividade de produção de conhecimento; iii) a escola, em nossa sociedade, tem papel fundamental na formação do escritor e na constituição do sujeito; buscamos junto a um grupo de alunos do ensino médio os sentidos que estes atribuem ao ato de escrever, e de que modo esses sentidos se relacionam com a prática escolar e as possíveis implicações nas práticas desses sujeitos. Para tanto, tomamos como base a teoria bakhtiniana da enunciação e o princípio de que se “*a leitura é a relação do sujeito com o texto dos outros*” (MASELO LETA 2002), escrever é a relação do sujeito com seu próprio texto. A partir da análise dos dados, chegou-se às seguintes conclusões: i) a preocupação primeira expressa pelos sujeitos volta-se para a correção, para a adequação à norma culta, para o ajuste de sua forma de expressão para que esta se aproxime o mais possível da variante lingüística dominante; ii) todos ressaltaram que ler é mais importante que escrever: através da leitura entra-se em contato com todo tipo de conhecimento; iii) desconsidera-se a possibilidade de construção de conhecimento através da produção textual, e a predominância da cópia sobre a criação, na escola, reforça um pensamento dessa natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Produção de texto, conhecimento, ensino médio

Introdução

De maneira geral, observamos a relação de um sujeito com a escrita através de sua produção textual: é por ela que, comumente, se avalia seu desempenho na modalidade escrita da língua, e é também a partir daí que aquele que não domina esta modalidade fica mais exposto. Meu olhar mesmo, na pesquisa que originou este

¹ Colégio Estadual David Capistrano – Rua Maria Martins Peixoto, s/n – Santa Bárbara – CEP: 24141-450 - Niterói – Rio de Janeiro – Brasil – lidiamferreira@yahoo.com.br

trabalho², buscou durante um bom tempo o produtor de textos muito mais que o leitor, no entanto, aquele não se revelava. No grupo dos alunos, apenas um declarou ter o hábito de escrever, mas ressaltou que tem sempre um dicionário ao lado, e o objetivo dessa atividade realizada de forma “espontânea” era o *treino*, conforme ele declarou. Dessa forma, dizia ele, não tinha problema para escrever na escola. Os outros sujeitos dessa pesquisa – que não os alunos - revelaram desconforto com tal atividade, e alguns, inclusive, evitam-na. Escrever, somente por obrigação. Uma professora declara, até mesmo, que “*somos mais leitores que escritores*” e que o “*exercício da escrita não tem sido fácil não*”.

Importante, igualmente, é o fato de que raras são as pesquisas voltadas para a produção de textos em fases posteriores à alfabetização. Sobre isso, também, falam Masello Leta (2002) e Pavão (2004) em suas teses de doutorado, esta última, inclusive, chamando a atenção para o fato de haver estratégias claras para formação de leitores, mas poucas iniciativas para formação de escritores. Há interesse em uma política de formação de produtores de textos?

A linguagem, mais que elemento de comunicação, é, prioritariamente, de acordo com a concepção bakhtiniana, atividade de constituição do sujeito e do mundo; dessa forma, a escrita – e também a leitura –, dentro ou fora da escola, não pode ser encarada como mero instrumento. Produzir textos é tentar compreender, através desta atividade, o mundo que nos cerca e o mundo que idealizamos; é tentar compreender a nós mesmos a partir do diálogo estabelecido e das contrapalavras advindas deste processo. Produzir textos é enunciar. Com relação à produção de textos, Geraldi diz que

² *A constituição da leitura e da escrita na escola – as influências das concepções de leitores e produtores de texto*. Niterói, Faculdade de Educação/UFF (Dissertação de Mestrado)

Ao se propor a produção de textos como a devolução da palavra ao sujeito, aposta-se no diálogo (que não exclui a polêmica e a luta pelos sentidos) e na possibilidade de recuperar na “história contida e não contada” elementos indicativos do novo que se imiscui nas diferentes formas de retomar o vivido, de inventar o cotidiano. (1997, p.20)

Para falar de outro ponto importante com relação ao uso da palavra *produção* trago Imbert que, em seu livro *Para uma práxis pedagógica*, alertando de que não se trata de uma apresentação mais detalhada do conceito marxiano de *práxis*, explica que

Marx define *práxis* como a “atividade material” dos homens e as “relações materiais” que eles estabelecem uns com os outros, no interior de um grupo social. A essência da *práxis* se esclarece pelo conceito de produção. Produção que não é uma criação *ex-nihilo*, porque se apóia em um conjunto de determinações já apresentadas, mas antes criação ‘num sentido relativo, mas *essencial, porquanto suscita possibilidades radicalmente novas*’. Produção, além disso, e não simplesmente produção de objetos, mas autoprodução do próprio homem, ‘de sorte que a *práxis* é menos aquilo que o homem faz e como faz, do que aquilo que o homem faz ao se fazer’. (Imbert, 2003, p.13) (grifos meus)

Neste sentido, aqui, privilegio o uso da palavra *produção* pelo fato de a mesma materializar uma prática revolucionária, ativa, constitutiva de um ser que interfere conscientemente (mesmo que esta consciência não represente uma totalidade) no mundo, e não uma prática contemplativa.

Que relação pode haver entre as concepções do que seja escrever, a escola e a produção de conhecimento? Para quem se escreve na escola? Quem produz texto na escola? Quem enuncia na escola? Dois princípios norteiam a reflexão iniciada por estes questionamentos: i) escrever é uma importante atividade de produção de conhecimento; ii) a escola, em nossa sociedade, tem papel fundamental na formação do escritor e na constituição do sujeito.

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi realizada em uma escola pública de ensino médio do Estado do Rio de Janeiro, cujos sujeitos foram alunos, professores, uma funcionária responsável pela biblioteca e a orientadora educacional/pedagógica. O objetivo da investigação foi compreender algumas variáveis que contribuem para que, de maneira geral, a escola esteja formando decodificadores e fazedores de redação ao invés de leitores e produtores de texto. Os dados recolhidos originam-se de questionários e entrevistas, principalmente destas. O presente trabalho apresenta o que os alunos dizem sobre o ato de escrever e as concepções que se revelam a partir daí, além da reflexão a partir dessas concepções. As transcrições que seguem são as falas dos alunos envolvidos na pesquisa, identificados pela letra A e um número que os distingue.

Os sentidos da produção de textos para os alunos

Durante as entrevistas, pude experimentar uma série de surpresas, umas agradáveis, outras, nem tanto. Trago esse longo diálogo entre mim e esta jovem, A1, porque considero que esse foi um dos momentos de maior singularidade que vivi durante as entrevistas.

PRAS COISAS QUE VOCÊ PROJETA PARA A SUA VIDA, VOCÊ ESTÁ TERMINANDO O ENSINO MÉDIO, VAI FAZER FACULDADE... QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA ESCRITA?

É muito necessária, não tem nem como dispensar essas duas, esses dois itens, não tem como dispensar. Na minha opinião, é necessário pra qualquer... qualquer formação superior que a pessoa venha a fazer, ela tem que ter. O mínimo que ela tem que saber é ler bem e escrever bem.

(...)

VOCÊ COMEÇOU ESSE TRABALHO SISTEMÁTICO COM A LEITURA E A ESCRITA ANTES DE IR PRA ESSA ESCOLA?

Antes de ir pra uma escola em si, antes de ir, eu lembro que eu gostava, eu gostava de rabiscar. Eu gosto de escrever. Hoje em dia eu não gosto de escrever, porque eu tenho o contato com o computador, então, eu não gosto de escrever na mão, eu gosto mesmo é de digitar.

MAS VOCÊ ESCREVE.

Então.

NO COMPUTADOR

Agora ler é que eu nunca gostei muito, mas escrever eu adorava escrever, rabiscava, procurava coisa pra fazer, entendeu, sempre foi assim.

(...)

A LEITURA E A ESCRITA PRA VOCÊ TÊM SIDO MUITO MAIS DA ORDEM... É PRÁTICO, É NECESSÁRIO, MAS ASSIM, NUNCA FOI UM GOSTAR... VOCÊ GOSTA DE LER PIADAS, GOSTA DE LER GIBI. SE ALGUÉM PERGUNTA: VOCÊ GOSTA DE LER E ESCREVER? QUAL SERIA A SUA PRIMEIRA REAÇÃO PRA ISSO?

Aí eu falaria assim: eu gosto muito de escrever, e ler, com algumas exceções.

E QUE DIFERENÇA HÁ ENTRE LER E ESCREVER, POR QUE ISSO É DIFERENTE PRA VOCÊ?

Olha...

O QUE VOCÊ GOSTA DE ESCREVER?

Assim, não tem um texto, um assunto que eu gosto de escrever, quando eu falo que gosto de escrever, é escrever mesmo, fazer cópia, essas coisas assim, eu não me importo de escrever, se tiver que escrever muito ou pouco, não me importo. (A1)

“*Eu gosto de escrever*”. De modo geral, nossos alunos não querem escrever, reclamam muito quando solicitamos que escrevam algumas linhas. Custei a entender o que ela queria dizer com isso. Aliás, não demorei a entender o que ela queria dizer com “*eu gosto de escrever*”; eu não entendi. Foi necessário que ela dissesse com todas as letras: “*quando eu falo que gosto de escrever, é escrever mesmo, fazer cópia*”. A perplexidade tomou conta de mim. Esta era a primeira entrevista que a aprendiz de pesquisadora estava realizando e esse foi um importante exercício de *suspensão de evidência* (AMORIM, 2004, p.26). Não esperaria, de modo algum, que o adorar escrever significasse fazer cópia.

Depois disso fiquei pensando na expressão “*escrever mesmo*”. O que significa “*escrever mesmo*”? Como pode uma jovem que vive em um centro urbano, em fase de conclusão do ensino médio, que esteve por tantos anos na escola básica e pretende ingressar no ensino superior, conceber a escrita como *fazer cópia*, como uma mera atividade motora? Que condições levaram essa jovem a produzir essa concepção de escrita?

A jovem indica, ainda, outra possibilidade, quando questionada sobre uma escrita cujo conteúdo seria por ela elaborado: a poesia; diz que é sempre sua primeira opção. Por quê?

Porque eu sou uma pessoa muito romântica, entendeu?, eu sou muito romântica, então, quando eu era mais nova, eu adorava livro de poesia, hoje em dia eu não leio muito livro de poesia não, mas eu só pegava livro de poesia na biblioteca do colégio pra poder ler, e a única diferença de ler e escrever é porque eu gosto de escrever, mas... porque ler você tem que parar, você tem que prestar atenção no que você está fazendo... escrever também, mas

eu acho que escrever é mais fácil, porque ler assim, às vezes me dá um pouco de dor de cabeça, sono, aí são coisas que me impedem. (A1)

Naquela que escreve ora se revela a escrevente³, ora a romântica que idealiza uma determinada forma de escrever. Volto a questionar: que condições levam essa jovem a produzir esta segunda concepção de escrita? Uma concepção claramente ancorada na crença de que para escrever é preciso ter inspiração; logo, se um indivíduo não consegue produzir um determinado texto é porque não foi tocado pelo “entusiasmo⁴ criador”. Tal concepção do escrito como produto da inspiração se funda no equívoco de que somente aqueles que têm o *dom* podem produzir um bom texto, seja ele voltado para uma atividade artística ou não. Aliás, esta jovem, que diz optar pela poesia quando elabora um texto, declara: “(...) *mas eu não tenho o dom de escrever não, não tenho esse dom (...)*”.

Vejamos o que dizem os outros jovens participantes desta investigação sobre o ato de escrever:

É tentar passar, assim, tentar passar tudo aquilo que você sente através da escrita. Mesmo se tiver de forma errada, gramaticalmente errada, você tá tentando passar pra'quele papel, todas suas emoções, todo seu... todo seu aprendizado, tudo de... de escola, que se aprendeu em escola, em outras coisas, tá passando pra'quele papel o que que é você. Se você fizer uma redação, “quem sou eu?”, você só vai passar pro papel o que você sente, o que você tem dentro de si. Então, pra mim, é isso. (A4)

³ **Escrevente.** [Do lat. *Scribente.*] S. 2 g. Pessoa que copia o que outrem escreve ou dita; escriturário, copista. (HOLANDA FERREIRA, 1986, p. 691)

⁴ **Entusiasmo.** [Do Gr. *Enthousiasmós*, inspiração divina] S. m. Exaltação das faculdades da alma que torna sublimes os escritores, os oradores e os artistas. (DICIONÁRIO de Língua Portuguesa On-line, consultado em 26/04/06)

Escrever pra mim, é passar, transmitir, saber passar, através de letras, pro papel, tudo aquilo que você quer passar, informação, ou seja, qualquer coisa que você queria anotar. Eu acho que escrever é importante, mas acho que a gente lê mais do que escreve, talvez por isso que as pessoas dão mais atenção à leitura do que a escrita. Ah, eu acho que é isso. (A2)

Escrever pode estar relacionado, ainda, a “passar” para o papel determinado conteúdo. Passar para o papel o que se sente, revelar quem é o sujeito que escreve e o seu íntimo. Escrever é revelar-se, apostando-se na transparência da linguagem. Acredita-se, também, que a escrita é uma transcrição da fala: “*tentar passar tudo aquilo que você sente **através da escrita**”, “saber passar, **através de letras**”*. Escrever é codificar. Transfere-se para o outro o que se pensa, e o veículo utilizado neste caso será o papel. É clara a influência de uma concepção de linguagem como mero instrumento de comunicação neste conceito de produção de textos. “ (...) *o sistema lingüístico se ‘dá’ e como tal se ‘recebe’, reduzindo-se o papel dos participantes do discurso à codificação e decodificação das informações na mensagem onde tudo está dito e manifesto.*” (FRANCHI, 1977, p. 10, nota de rodapé)

Em seus depoimentos esses jovens revelaram o quanto escrevem: muito pouco. E essa é uma realidade para todos nós, especialmente nos dias de hoje, quando dispomos de tecnologias que permitem que nos comuniquemos, em longa distância, através da oralidade e das imagens, por exemplo. Escrever não é uma atividade ordinária como falar, ver, ou mesmo como ler:

“(...) todos necessitam de um modo ou de outro saber ler certas coisas, mas o número cai enormemente quando se conta quem necessita produzir a escrita na proporção do que lê. Muitas

peças podem até ler jornal todos os dias, mas escrevem muito raramente.” (CAGLIARI, 1989, p. 102, apud QUEIROZ, 2000, p. 17)

De fato, dentre as possibilidades de interação, a escrita ocupa um lugar de raridade no nosso cotidiano, e quando a utilizamos, realizamos algumas simples anotações, que não chegam a ser atividades que requeiram elaboração relativamente complexa.

Pensando nisso, uma pergunta surge: qual o objetivo do ato de escrever na escola? Talvez seja essa pergunta, ou suas respostas, fundamentais. Para que os estudantes escrevem na escola? Ainda que se concorde que no dia-a-dia possamos prescindir de escrever para que entremos em interação com o outro, é inconcebível que na escola, o objetivo principal do ato de escrever seja a comunicação, entendida como ato de transmissão de informações. Ao menos é isso que revela a fala desses jovens: escrevem para comunicar o que sentem, para comunicar o que aprenderam, para comunicar quem são. Escrevem para comunicar.

Pode-se, ainda, escrever para anotar. O estudante anota em seu caderno ou fichário o que o professor dita ou escreve no quadro. Escrever, na escola, pode ser tomar nota. *Tomar nota para quê?* Tomar nota não é uma atividade, em si mesma, passiva ou ativa; o que define tal ato é a postura do sujeito diante da ação que realiza e daquilo que ele anota. Um sujeito pode realizar apontamentos de uma aula a partir de seus interesses conjugados às orientações do professor, por exemplo; pode também apenas tomar nota daquilo que diz o professor, de uma forma um tanto mecânica. Pode, posteriormente, fazer uso, ou não, daquilo que anotou. Realizar anotações na escola pode ser, de fato, uma forma de escrever que contribui para a construção e apropriação do conhecimento.

O significado dado por A2 não evidencia um indivíduo agente do ato, um sujeito que tenha se apropriado deste ato de escrita, ao contrário, esclarece um tipo de prática na escola, e fora dela, que se assemelha à cópia realizada por A1. Para que os estudantes escrevem na escola?

A2 ainda diz que durante um determinado período em que se ausentou da escola – uma semana – não escreveu. Escreve muito pouco:

eu tenho preguiça de escrever. É... escrever é importante, mas, não sei, eu escrevo pouco, não sou muito pessoa de escrever. Tem gente que gosta de escrever, contar a vida, escrever em diário, escrever em agenda, pra mim, não, só escrevo quando é necessário. Por isso eu não gosto muito de escrever. Também porque minha letra é feia. (A2)

Escrever somente quando necessário. Pode-se dizer que essa é uma prática majoritária na sociedade. Parece que fora da escola esses jovens não têm muita necessidade de escrever, o que, como já foi dito anteriormente, isso é comum a todos nós nos dias de hoje. E dentro da escola, quando é necessário escrever? Provavelmente a prática de escrever se dê quando esses jovens fazem exercícios, avaliações, trabalhos – que geralmente são em grupo e um redator é escolhido –, algumas poucas redações.

O que, realmente, está em jogo no que diz respeito ao ato de escrever? Por que escrever é tão desconsiderado, e não só por esses jovens estudantes, mas por muitos? Por que a recusa em escrever, e não qualquer escrever, mas um escrever que significa dizer a própria palavra? Será de fato uma recusa ou há uma lógica que impede o sujeito de dizer-se?

Tornando evidente a força dos controles sociais, há uma grande preocupação por parte desses jovens com relação à correção: é preciso escrever certo. Escrever certo significa estar de acordo com as regras gramaticais, como se pode observar neste diálogo com A2:

Português você usa mais, por causa da gramática, tem que saber escrever direito. Mas o que acontece realmente é que ninguém escreve bem (...)

E O QUE É ESCREVER DIREITO?

Escrever direito é escrever certo.

O QUE QUE ISSO?

Escrever certo é você saber escrever, sem escrever de tudo muito errado, assim, entendeu, botar letra errada, não tá concordando o verbo com o sujeito, saber escrever corretamente. (A2)

Também pode-se observar isso nos depoimentos que se seguem:

Eu gosto de escrever certo, não gosto de escrever errado, em casa às vezes eu tô... eu tenho a mania de pegar o caderno e saio escrevendo. Sem tema, sem nada, eu saio escrevendo. Eu vou escrevendo pelo menos duas, três... (A5)

(...) escrever, é mais uma parte mais gramatical, eu acho que você escreve muitas vezes como você fala, como você se expressa, então, às vezes, assim, às vezes, você se expressa de forma errada, assim, muito coloquial, não é uma forma muito erudita. (A4)

A possibilidade de interlocução e de produção de conhecimento a partir da produção de um texto parece nula. O que mobiliza os jovens a escrever são obrigações escolares que, pelo que dizem, não demandam elaborações muito complexas. E o que podemos pensar diante do fato de que estudantes em fase de conclusão do ensino médio concebam o ato de escrever como copiar, anotar, passar para o papel, um dom, um ato cansativo?

Ainda no que diz respeito à produção de texto há uma manifestação unânime pela preferência do ler sobre o escrever. Em suas declarações, há duas importantes justificativas para isso: eles lidam melhor com o ato da leitura do que com o da escritura; ler ajuda a escrever melhor.

Sobre a primeira justificativa: a maneira (ou as maneiras) com que eles se posicionam diante do ato da leitura os leva, de modo geral, a conceber a leitura como contactar um conhecimento que será apreendido sem muito esforço, de forma mecânica.

A segunda, ainda que seja considerada uma premissa verdadeira, pode ser falaciosa, e não pelo seu próprio significado, mas pela relação de causa e efeito que alguns – talvez seja melhor dizer a maioria – imprimem a ela. Da maneira como se fala sobre isso, parece que a imersão na leitura vai, necessariamente, gerar um excelente produtor de textos. Leitura e escrita são duas atividades distintas que certamente mantêm relações, algumas vezes até estreitas, mas são duas atividades diferentes e independentes. O que forma um escritor é a produção da escrita, ainda que aliada a outras atividades como a reflexão sobre o cotidiano, a leitura de um texto escrito, ao assistir filmes, a apreciação de uma obra de arte, a escuta atenta aos telejornais, entre outros. Não se desconsidera aqui a contribuição da leitura na formação do produtor de textos, ao contrário, considera-se que a leitura é uma possibilidade real de ampliação da

competência discursiva, através do contato com diferentes gêneros⁵, por exemplo, além da própria compreensão de mundo. No entanto, ler não é escrever. Nas palavras de Masselo Leta (2002, p. 152), “*a leitura é a relação do sujeito com o texto dos outros*”, e, trazendo à tona o subentendido, escrever é a relação do sujeito com seu próprio texto.

Considerações finais

Os sujeitos desta pesquisa sempre que se referiram à produção de textos o faziam com certa reverência, evidenciando, por um lado, o mito que circunscreve tal atividade e, por outro, o quanto podemos estar, grande parte da sociedade, impedidos de nos expressar, de dizer nossa palavra, de intervir nas decisões públicas e privadas que dependem da palavra escrita. A preocupação primeira expressa por esses sujeitos volta-se para a correção, para a adequação à norma padrão, para o ajuste de sua forma de expressão para que esta se aproxime o mais possível da variante lingüística dominante.

Todos declararam ser muito importante ler e escrever, mas ressaltaram que ler é mais importante que escrever: através da leitura entra-se em contato com todo tipo de conhecimento, aprende-se mais, ampliando-se a leitura de mundo. A importância dada para a leitura, em detrimento da escrita, levou-me a supor que se desconsidera a possibilidade de construção de conhecimento através da produção textual, e a considerar que a predominância da cópia sobre a criação, na escola, reforça um pensamento dessa natureza.

Ler, de certa forma, é uma atividade generalizada, provavelmente porque considerada capital para que possamos transitar, “funcionar” no tipo de sociedade que

⁵ Levo em consideração que além do conteúdo temático e da construção composicional, um terceiro elemento marca os gêneros do discurso: o estilo, que é caracterizado “pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais” (BAKHTIN, 2003, p. 261)

vivemos, altamente industrializada. E isso pode ser uma ilusão: com a aquisição da escrita e sua utilização voltada quase que exclusivamente para a leitura, indivíduos podem se considerar inseridos de modo efetivo na sociedade, em pé de igualdade com aqueles que têm acesso a qualquer bem material – aliás, as propagandas em torno de campanhas de alfabetização encarregam-se muito bem de disseminar tal idéia –, no entanto, se refletirmos por alguns instantes e olharmos ao redor, veremos que um grande número de alfabetizados estão excluídos, sobrevivem à margem desta sociedade marcada pelo consumo e competição.

Mesmo que se diga que um dos principais objetivos da escola é transmitir conhecimento e que esta transmissão se dê especialmente através de materiais escritos, e que por causa disso a leitura tem importância incontestável, é preciso destacar a necessidade de investimento na produção de textos, entendendo esta como espaço para manifestação, expressão e de constituição do sujeito, além de espaço legítimo de produção de conhecimento. Por ser a produção textual uma forma específica de organização do pensamento, o seu exercício de modo significativo – portanto verdadeiramente inserida na vida do sujeito – oportuniza uma reflexão diferenciada daquela rotinizada pelos acontecimentos cotidianos, estes tão necessários para nossa organização, mas ao mesmo tempo responsáveis, em conjunto com outros fatores, pelo apagamento do singular, do plural, em favor do mesmo, do coletivo voltado para o pensamento único.

A produção de textos dentro e fora da escola, para muitos sujeitos, não tem o menor significado. Isso, aparentemente, é uma contradição em tempos de afirmação dos direitos. A todos é concedido o direito de livre expressão. Mas como a livre expressão se o sujeito está impedido de exprimir-se através de uma das modalidades de expressão da linguagem verbal, a escrita? Como exercer a livre expressão se o que se permite, na

verdade, é repetir idéias produzidas por outrem? Quais são as reais condições de produção de textos que têm mulheres e homens nessa sociedade? O que tem sido produzir textos na escola?

Em uma aula que eu ministrava, este ano, 2006, com uma turma da primeira série do ensino médio, do horário noturno, aconteceu um fato interessante. Trabalhando o conteúdo língua, linguagem, propus aos alunos que refletíssemos sobre a seguinte questão: “*o que é estudar língua portuguesa?*”. Eles começaram a falar o que pensavam e eu ia escrevendo no quadro, em forma de tópico, seus comentários: *para aprender a escrever; para aprender a falar; para aprender a fazer redação; para aprender substantivo, adjetivo, etc.* Destaquei os tópicos para *aprender a escrever* e *para aprender a fazer redação*, pois aquilo chamara minha atenção, e pedi que me explicassem o que queriam dizer com aquilo, perguntando se não era a mesma coisa, ao que eles responderam, todos, que não. Aprender a escrever significa aprender a escrever as palavras corretamente, a utilizar a pontuação, fazer concordâncias, etc.; aprender a fazer redação é escrever de acordo com um modelo bem determinado: é necessário que a redação tenha introdução, desenvolvimento e conclusão, um determinado número de linhas, tema determinado, etc.

Neste período, havia solicitado que produzissem um trabalho em que narrassem a história de suas famílias – dos avós até seus irmãos: quem eram essas pessoas, do que elas gostavam, o que faziam, como se relacionavam com elas, que importância que eles tinham em suas vidas – e perguntei-lhes se tal trabalho se encaixava na categoria redação, ao que eles responderam que não, aquele trabalho era uma história, e não uma redação sobre suas famílias. Quando solicitei que fizessem esse trabalho, muitos resistiram, pareciam não quererem falar sobre suas histórias, então, eu esperava que eles relatassem uma coisa ou outra sobre suas famílias ou que simplesmente fizessem listas

com os nomes e alguns poucos adjetivos que se relacionassem com essas pessoas. No entanto, a maioria dos trabalhos de fato eram narrativas, e muitas delas com marcas claras dos sujeitos que as escreviam, como alguns que se permitiam brincar com o leitor de seu texto.

A redação há muito deixou de ser um modo de redigir, o que implicaria o posicionamento do sujeito frente à atividade da escrita, para ser apenas um “*trabalho ou exercício escolar que versa sobre um assunto dado, ou de livre escolha, e se destina a ensinar o aluno a redigir corretamente, com seguimento lógico de idéias*” (FERREIRA, 1986, p.1466). Redigir corretamente, especialmente na escola tem sido utilizar uma fórmula, inclusive com uma lista de palavras apropriadas que se deve usar nessa ocasião, de modo que versar sobre um assunto é a última coisa com que se ocupa – quando se ocupa – aquele que vai escrever uma redação. A preocupação é encaixar as palavras apropriadas, normalmente oriundas de um quadro de referências estranho àquele que escreve. Dessa forma, escrever torna-se, mesmo, uma atividade sem sentido, e isto porque o sujeito não se reconhece dentro daquela discursividade tida como a correta para esse tipo de texto, além desse modelo praticamente inviabilizar a possibilidade de diálogo, uma vez que, para este se estabeleça, é necessário que um eu e um tu, situados no mundo, se instaurem.

Referências bibliográficas

AMORIM, Marília. (2003). *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo: Musa.

BAKHTIN, Mikhail. (2003). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro.

FRANCHI, Carlos. (1977). Linguagem – Atividade Constitutiva. *Em: Almanaque 5 – Cadernos de Literatura e Ensaio*. Editora Brasiliense, pág. 9-27.

GERALDI, João Wanderley. (1997). Da redação à produção de textos. *Em: CHAPPIANI, Lígia. Aprender e ensinar com textos*. São Paulo: Cortez.

IMBERT, Francis. (2003). *Para uma práxis pedagógica*. Brasília: Plano.

MASELLO LETA, Maria. (2002). *Relações de Professores com a escrita: um estudo em duas escolas de formação*. Rio de Janeiro, Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica. (Tese de Doutorado)

PAVÃO, Andrea. (2004). *Inclusão e exclusão das camadas populares na universidade: o papel da leitura e da escrita*. Rio de Janeiro, Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica. (Tese de Doutorado)

QUEIROZ, Vanderleida Rosa de Freitas. (2000). *A Leitura e a Escrita no Ensino Médio: uma análise do trabalho docente com o texto verbal escrito*. Goiânia, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. (Dissertação de Mestrado)

Bibliografia consultada

BAKHTIN, Mikhail. (V. N. Volochínov) (1995). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.

FARACO, Carlos Alberto. (2003). *Linguagem e Diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições.

GERALDI, João Wanderley. (2003). A linguagem nos processos sociais de constituição da subjetividade. *Em: VAL, Maria das Graças Costa. Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto – o sujeito-autor*. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG.

_____. (1995) *Convívio paradoxal com o ensino da leitura e da escrita*. Caxambu: Texto em versão preliminar, escrito para discussão em mesa-redonda do GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 18ª Reunião Anual da ANPED.

GNERRRE, Maurizio. (1998). *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes.

GRENFELL, Adrete Terezinha Matias. (1991). *Vozes em contraponto: da redação escolar à emergência dos sujeitos na produção dos textos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Dissertação de Mestrado)

GOULART, Cecília. (2003). Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuições para pesquisa e para a prática pedagógica. *Em: FREITAS, M^a Teresa; SOUZA, Solange Jobim & KRAMER, Sônia. Ciências Humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Cortez.

MOYSÉS, Sarita Affonso. (1985). Alfabetização: estratégia do código ou confronto da história? *Em: Educação e Sociedade*, São Paulo, 22, set/dez, pág. 84-93.

NEVES, Iara Coceição Bitencourt et all (Org.). (2004). *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

ORLANDI, Eni P.. (1998). Identidade lingüística escolar. *Em: SIGNORINI, Inês. (Org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP.

SOARES, Magda. (2002). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale.